

A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NA PSICANÁLISE

THE CONSTITUTION OF SUBJECTS IN PSYCHOANALYSIS

Luciane Sbardelotto¹

Daniele Ferreira²

Maria Ines Luzzi Peres³

Ana Maria Moreno de Oliveira⁴

SBARDELOTTO, L.; FERREIRA, D.; PERES, M. I. L.; OLIVEIRA, A. M. M. de. A Constituição do sujeito na psicanálise. **Akrópolis** Umuarama, v. 24, n. 2, p. 113-129, jul./dez. 2016.

RESUMO: Este artigo trata-se de uma revisão bibliográfica tendo como objetivo discorrer sobre a constituição do sujeito para a psicanálise, o qual trata-se do sujeito do inconsciente, o sujeito barrado, constituído por meio dos processos de alienação e separação. Para tanto utilizou-se como base a obra de Freud, Lacan e outros autores da psicanálise. Discorresse-á primeiramente sobre o processo de alienação contemplando os conceitos de Estádio do Espelho, a relação com o outro semelhante, a formação do eu ideal e a formação do registro imaginário; posteriormente, abordaremos o processo de separação, explanando sobre o que se denomina de os três tempos do Édipo, a relação com o grande Outro, a formação do Superego e o registro simbólico; na sequência abordaremos o campo do real e sua relação com o *objeto a*; e para finalizar explanaremos sobre a saída para as três estruturas psíquicas possíveis na psicanálise que são a neurose, a psicose ou a perversão.

PALAVRAS-CHAVE: Alienação; Constituição do sujeito; Estruturas; Psicanálise; Separação.

ABSTRACT: This paper presents a literature review aiming to discuss the constitution of the subject for psychoanalysis, which addresses the subject of unconsciousness, the barred subject, constituted by means of alienation and separation processes. In order to do this, the works of Freud, Lacan and other psychoanalysis authors are used as a basis. It will first address the alienation process, contemplating the concepts of Mirror Stage, the relationship with peers, the formation of the ideal self and the formation of the imaginary register; then, it will cover the process of separation, explaining the three times of Oedipus, the relationship with the Other, the formation of the Superego and the symbolic register; it will go on to discuss the actual field and its relation to the "object"; and finally, it will explain the output for the three possible psychic structures in psychoanalysis, namely neurosis, psychosis or perversion.

KEYWORDS: Alienation; Constitution of the subject; Psychoanalysis; Separation; structures.

¹Discente do 4º ano do curso de psicologia da UNIPAR – Universidade Paranaense, Campus Cascavel. E-mail: lucianesbardelotto@gmail.com. Endereço: Rua Rodrigues Alves 1786 – Parque São Paulo, Cascavel - PR. CEP: 85803-690.

²Discente do 4º ano do curso de psicologia da UNIPAR – Universidade Paranaense, Campus Cascavel. E-mail: daniele_13ferreira@hotmail.com. Endereço: Rua Tranquilo Noro, 720 – Parque Verde, Cascavel - PR. CEP: 85807-860.

³Discente do 4º ano do curso de psicologia da UNIPAR – Universidade Paranaense, Campus Cascavel. E-mail: milleperes@hotmail.com. Endereço: Rua Erechim, 1354 – Centro, Cascavel - PR. CEP: 85803-690.

⁴Docente e Supervisora de estágio em Psicologia Clínica do curso de Psicologia da Universidade Paranaense – UNIPAR, Campus Cascavel. Psicóloga clínica. Email: ana-maria@unipar.br.

INTRODUÇÃO

Ao nascer, estão presentes no bebê os instintos, os quais estão ligados à manutenção da vida e que buscam ser satisfeitos. Para que haja a satisfação dos instintos é necessário um objeto do mundo externo, um objeto real, pelo qual ele obterá sua finalidade que é a satisfação. No entanto, o bebê ao nascer não possui maturidade biológica e psíquica capaz de garantir sua sobrevivência, se faz necessário para tal que um outro semelhante, um adulto, realize uma *ação específica* capaz de satisfazer as necessidades da criança (FREUD, 1985; FREUD, 1915).

Ao ser realizada a *ação específica* o bebê tem uma experiência de satisfação a qual deixa marcas no aparelho psíquico, chamadas de marcas mnêmicas, imagens perceptuais que serão resgatadas de forma alucinatória assim que uma nova necessidade emergir (FREUD, 1895).

O que se alucina é a “Coisa” a qual supostamente teria salvado o bebê do completo desamparo inicial. O seio materno poderia ser aqui um representante dessa “Coisa” e é a busca pela “Coisa” que inaugura, em Freud, o conceito de desejo. O desejo estaria assim ligado a uma falta, falta da “Coisa” pela qual o bebê se viu salvo do desamparo. O que se deseja é a “Coisa” que teria o “poder” de dar a plenitude ao bebê, ou seja, ser um sujeito autossuficiente, sem faltas (MURANO, 2006).

Em Freud (1915) a pulsão é o que está ligada a esse desejo que é marcado pela falta do objeto. Essa falta seria de algo que se teve na primeira experiência de satisfação e que se perdeu. Esse objeto faltoso em Lacan recebe o nome de *objeto a*, objeto *pequeno a*, o qual não seria um objeto perdido de fato mas sim um objeto que nunca se teve na realidade. A falta seria assim constitutiva do ser humano, e o *objeto a* atuaria como causa do desejo (JORGE; FERREIRA, 2005).

A condição natural de desamparo vivida pelo bebê ao nascer lhe obriga a se relacionar com um outro ser humano para que se garanta a manutenção da vida, ou conforme Lacan, se assujeitar ao campo do Outro. Ao tratar da constituição do sujeito Lacan (1964a), diz que o “sujeito se constitui no campo do Outro, imerso da linguagem e efeitos de operações da alienação e separação”.

É esse Outro quem vai nomeando o bebê, é ele quem diz ao bebê quem ele é, como ele é,

o que ele sente e nessa operação de nomeação o que vai sendo inserido são significantes que não são do bebê, eles são do Outro. O bebê vai tomando para si esses ditos do Outro e a partir disso vai ocorrendo o processo que se denomina de alienação ao Outro (QUINET, 2012).

A condição de desamparo em que o bebê vem à vida faz com que ele se experimente como um corpo despedaçado, sem significação e esse caos só se consegue suportar na relação com o Outro. A alienação é uma via de salvação, ela é necessária para suportar o despedaçamento do Eu. Contudo, se assujeitar ao Outro implica em se assujeitar ao desejo desse Outro (SIRELLI, 2010).

O sujeito não pode se desenvolver preso ao desejo do Outro, é necessário se separar do Outro para se constituir a partir do seu próprio desejo. É a separação que torna o sujeito desejante, desejante porque ao se separar do Outro sua falta é evidenciada e é a falta que move o sujeito em direção a realização do seu desejo (LACAN 1964).

O sujeito em psicanálise diz do sujeito do inconsciente, só existe sujeito se existir falta, é ela que funda o sujeito e ela só aparece se houver a separação desse Outro. É na separação que se funda o inconsciente, ocorre uma separação entre o Eu e o Sujeito. Sendo assim, o sujeito em psicanálise não se trata de um ser “de carne e osso” propriamente dito; o sujeito não “nasce”, ele se constitui por meio do campo da linguagem na relação com o Outro. É na relação com o outro que significantes vão sendo dados ao bebê e que ao se articularem vão gerando sentido (ELIA, 2010).

É nessa relação com o Outro na produção de sentido que vão sendo constituídos três registros psíquicos que se articulam e constituem o sujeito. Para Lacan três registros formam o aparelho psíquico, são eles: o registro imaginário (I), o registro simbólico (S) e o real (R). Esses registros estão relacionados com o circuito do desejo do sujeito, ou seja, o tipo de relação que o sujeito tem com o seu desejo, como ele se posiciona diante dele (GARCIA-ROZA, 2009). Para que se tenha um sujeito é necessário que os três aros sejam “amarrados”. O que faz essa amarração é o que se denomina de Nome-do-Pai, uma lei simbólica que funda a falta, funda o inconsciente (JORGE; FERREIRA, 2005).

Sendo assim, este trabalho tem o objetivo demonstrar a constituição do sujeito para a

psicanálise, discorrendo primeiramente sobre o processo de alienação, contemplando dentro dele o Estádio do Espelho, a relação com o outro semelhante, a formação do eu ideal e a formação do registro imaginário; posteriormente, será abordado o processo de separação, explanando sobre o que se denomina de os três tempos do Édipo, a relação com o grande Outro, a formação do Superego e o registro simbólico; na sequência abordasse-á o campo do real e sua relação com o *objeto a*; e para finalizar será explanado sobre a saída para as três estruturas psíquicas possíveis na psicanálise.

Salienta-se que os processos os quais serão discorridos serão separados para fins meramente didáticos, o processo de alienação e separação, assim como a formação dos três registros I, S, e R, ocorrem ao mesmo tempo e não em etapas definidas.

1 A ALIENAÇÃO E O PEQUENO OUTRO: REGISTRO IMAGINÁRIO

Anteriormente a perda do objeto da primeira experiência de satisfação, a “Coisa”, há um processo denominado de autoerotismo. Nesse processo inicial a pulsão, energia que instiga constantemente o organismo à ação, está ligada a autopreservação da vida e se satisfaz no por meio de “apoio” nas funções vitais, é esse processo de apoio que propicia a emergência da pulsão (FREUD, 1915; GARCIA-ROZA, 2009).

O período em que o bebê não possui a percepção da unidade do corpo é o autoerotismo, isso é decorrente da imaturidade do sistema nervoso que faz com que a criança, fantasisticamente se veja como um corpo despedaçado (QUINET, 2012). No início da vida devido a não existir um Eu formado ainda, as pulsões e instintos se satisfazem nos próprios órgãos. A essa forma de satisfação se dá o nome de autoerotismo. Conforme Freud (1915, p. 139) “Originalmente, no próprio começo da vida mental, o ego é catexizado com os instintos, sendo, até certo ponto, capaz de satisfazê-los em si mesmo. Denominamos essa condição de “narcisismo”, e essa forma de obter satisfação, de “auto-erótica”.

No autoerotismo o bebê não possui uma imagem unificada de seu corpo, não há um Eu formado para que a libido/pulsão seja investida, assim a libido se dirige aos próprios órgãos, como objetos de satisfação (GARCIA-ROZA,

2009).

Um Eu não presente desde o início da vida é frisado por Freud:

Posso ressaltar que estamos destinados a supor que uma unidade comparável ao ego não pode existir desde no indivíduo desde o começo; o ego tem de ser desenvolvido. Os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo – uma nova ação psíquica – a fim de provocar o narcisismo (FREUD, 1914, p. 84).

É esta ação psíquica que inaugura o processo de formação do Eu e a partir desse primeiro esboço do Eu a pulsão que era dirigida para os órgãos passa a se investida no Eu. O narcisismo é um processo que se caracteriza pela pulsão colocar o Eu como seu objeto (FREUD, 1914).

O processo de autoerotismo e narcisismo correspondem em Lacan ao Estádio do Espelho. É no Estádio do Espelho que ocorre a “instalação do primeiro esboço do Eu”, que se forma por meio do reconhecimento da imagem corporal, um reconhecimento de que “eu sou eu”, ou seja, uma identificação consigo mesmo por meio da imagem do outro (CHEMAMA, 1995).

Anteriormente a este estágio, a criança se percebe como fragmentada, a unificação da imagem se dá perante o reconhecimento da própria imagem, que é confirmada por um Outro. É nessa experiência de identificação da imagem corporal no espelho que o bebê jubila ao se reconhecer “eu sou eu” (GARCIA-ROZA, 2009).

O Estádio do Espelho em Lacan (1949) também está ligado ao registro do imaginário que se funda no processo de alienação ao outro semelhante, o adulto capaz da “ação psíquica” em Freud (1914). É no outro semelhante que a criança pode se reconhecer, o outro é quem é o espelho, a criança reconhece seu corpo no corpo do outro o que traz o caráter imaginário deste processo (SIRELLI, 2010).

Esse estágio vai dos 6 aos 18 meses, aproximadamente e deve ser compreendido como uma identificação com a própria imagem, sendo que tal identificação provoca no bebê uma transformação, se forma “a matriz simbólica em que o eu se precipita” (LACAN, 1949, p. 97). É essa identificação primária que possibilitará posteriormente as identificações secundárias.

O Estádio do Espelho como formador

da função do Eu pode ser descrito em três tempos. O autoerotismo em Lacan seria um primeiro momento do Estádio do Espelho onde ao ser colocada diante de um espelho criança não se percebe e nem percebe o espelho, ou seja, a criança não se diferencia da mãe, ela e a mãe são uma coisa só, o mundo externo não é percebido. Em seguida, num segundo momento, a criança vê no espelho um outro, o que é facilmente verificável na atitude da criança de beijar, tentar pegar, cheirar, lambe a imagem no espelho, que é o que ela também faz com as outras pessoas, há aqui uma confusão entre o eu e o outro (SIRELLI, 2010; CHEMAMA, 1995).

O que impulsiona a evolução do estado de narcisismo primário é a condição natural do ser humano de dependência e desamparo. É por meio de um outro, externo a ele, que o bebê obtém a satisfação de suas necessidades (FREUD, 1915). Os instintos de autopreservação causam necessidades corporais, as quais são indispensáveis para a manutenção da vida, condicionando um relacionamento com o mundo externo para obter satisfação e a consequente manutenção da vida (GARCIA-ROZA, 2009).

Esse objeto do mundo externo pode ser representado aqui pela mãe ou quem exerce a função materna, e mais especificadamente o seio, aquilo que lhe fornece alimento. O bebê não percebe um dentro e um fora, ele não tem a noção da mãe como um todo, segundo Freud (1915, p. 158) “Na medida em que os objetos externos oferecidos sejam fontes de prazer, eles são recolhidos pelo Eu, que os introjeta em si, e, inversamente, tudo aquilo que em seu próprio interior seja motivo de desprazer o Eu expelle de si”. É por esse motivo que se diz que no narcisismo primário tem-se um Eu purificado ou Eu do prazer e isso é fruto da incorporação do objeto que lhe causa satisfação que é do mundo externo. É a incorporação do objeto que vai desenvolvendo o Eu (FREUD, 1915).

Temos então o terceiro momento do Estádio do Espelho, no qual, a criança se vê no espelho e volta seu olhar a um Outro, que pode ser a mãe, o pai, o cuidador; que confirma a ela que ela é ela, como diz Lacan (1949, p.99) “é condição necessária a visão de um congênera, não importa o sexo”, é o olhar do Outro. A criança verifica se o Outro percebe que ela se percebeu. O olhar do Outro sustenta a experiência da criança. Aqui estaria o “ato psíquico” do qual Freud (1914), diz ser necessário para a passa-

gem ao narcisismo primário.

Segundo Lacan (1953/1954, p. 96), “a forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real” e ainda salienta que o Estádio do Espelho corresponde à primeira experiência em que “o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo”, sendo que tal experiência é essencial para a estruturação do imaginário e a vida de fantasia do sujeito.

No estádio do espelho a criança “jubila” ao ter a sensação de domínio do corpo, uma satisfação narcísica de saber-se um corpo. O narcisismo primário representa a onipotência, dada por essa sensação de domínio do corpo e pela manutenção desse estado devido o investimento narcísico dos pais no bebê (NASIO, 1997; QUINET, 2012).

Os pais projetam seus sonhos, seus anseios, ou seja, seu ideal de eu no bebê, o bebê é tido para os pais como perfeito, todo poderoso, fato traduzido por Freud (1914) como “sua majestade, o bebê”. No entanto o que os pais projetam no bebê não é algo real, mas sim suposições de tal perfeição.

É por intermédio da linguagem que o bebê vai sendo inserido na ordem simbólica e vai percebendo seu lugar no desejo do Outro. A medida que o Outro, por meio da linguagem, articula o objeto do seu desejo na mensagem destinada à criança é que a criança vai se identificando como objeto de desejo do Outro e busca sê-lo a partir da formação de um eu ideal (SIRELLI, 2010). Identificação significa ser igual a algo, assim, ao se identificar com o outro, a mãe, ou quem exerça a função materna, o bebê toma como seu o ideal do eu do outro, formando aqui seu eu ideal (FREUD, 1914).

É o eu ideal, não correspondente ao verdadeiro Eu mas sim um ideal de um outro, que da a característica imaginária desse processo. A imagem especular, formada no espelho não é a imagem do Eu mas sim do outro. Contudo apesar dessa imagem ser enganosa é a partir dela que o bebê vai se reconhecer (SIRELLI, 2010).

Com isso ao mesmo tempo que se forma uma primeira imagem do Eu, o Eu se perde. Ao se identificar com o outro o Eu se aliena na imagem que é do outro. O Eu aqui está constituído pelo outro, o Eu é o outro. Assim se diz que no Estádio do Espelho há um desconhecimento do Eu. O Eu é uma ilusão, a imagem do próprio

corpo é enganosa, imaginária (QUINET, 2012).

Essa relação imaginária é chamada de relação dual, é demarcada pela percepção de um dentro e um fora, uma consciência que logo se perde. O que caracteriza a relação dual não é uma relação entre dois sujeitos, mas sim a não distinção entre o que de si mesmo e do outro. A sensação de domínio e completude do bebê é ilusória, pois o narcisismo não é simplesmente uma relação consigo mesmo, mas uma relação consigo mesmo através do outro com o qual ele se identifica e se aliena. O momento do narcisismo primário é o momento da alienação do Eu (GARCIA-ROZA, 2009).

A identidade assumida no Estádio do Espelho é uma identidade alienante, o Eu tem uma ilusão de autonomia, captado pelo desejo do outro o Eu se desconhece, se perde no outro. A alienação é um véu que mascara a falta dos dois sujeitos, sendo assim o que se liga de um no outro é a falta de cada um (LACAN, 1964).

O processo de alienação é necessário para a constituição do sujeito, pois o despedaçamento do corpo, a falta de sentido, só é vencida por meio do investimento de um Outro no bebê (ELIA, 2010). Lacan (1964b, p. 205) faz uso da dialética do escravo para explicar essa importância do processo de alienação, sendo que “não há liberdade sem a vida, mas não haverá para ele vida com liberdade”; ainda usa o termo “não há algo ... sem outra coisa”. Nessa dialética de senhor e escravo é que bebê e mãe completam, se alienam. A imagem da criança unificada escamoteia a falta e o despedaçamento originário do sujeito. A alienação não é percebida pelo sujeito mas ela causa efeitos, o outro vira um intruso, que invade e rivaliza com ele (QUINET, 2012).

O momento da alienação, o momento em que o bebê aceita a posição de “escravo” é o momento em que o bebê assume a posição de objeto do Desejo da mãe devido a identificação com a falta dessa mãe. Isso confere o caráter de Desejo imaginário, alienado no outro (MELLO, 2007). A alienação é como um “véu”, véu que mascara a falta, na alienação o bebê não tem falta, a falta é mascarada. Na alienação quem deseja é o Outro e não o sujeito. Para que o sujeito emergja se faz necessário o processo de separação, é preciso se separar do Outro para se constituir o próprio desejo, mesmo que este desejo seja o desejo do grande Outro (MURANO, 2006).

Assim, a alienação é um processo que

precisa ser superado, dando espaço a um processo chamado de separação, no qual acontece uma tentativa de o sujeito se separar do Outro, sair da posição de objeto do desejo do Outro e passar a condição de sujeito desejante (LACAN, 1964).

No registro imaginário, a falta é como se “não existe”, existe uma relação de completude entre o eu e o objeto. Para que haja falta é necessário a entrada no registro simbólico, pois sem falta não há desejo e sem desejo não há sujeito (MELLO, 2007).

2 A SEPARAÇÃO E O GRANDE OUTRO: REGISTRO DO SIMBÓLICO

O simbólico é um conceito na psicanálise que se baseou nos estudos de Lévi-Strauss em que ele diz que:

[...]a cultura é um conjunto de sistemas simbólicos e que esses sistemas simbólicos não são constituídos a partir do momento em que traduzimos um dado externo em símbolos, mas, ao contrário, é o pensamento simbólico que constitui o fato cultural ou social. só há social porque há o simbólico. Esse simbólico, Lévi-Strauss identifica-o como a função simbólica ou, o que vem a dar no mesmo, com as leis estruturais do inconsciente.” (GARCIA-ROZA, 2009, p. 175).

A entrada na dimensão simbólica se dá por meio da cultura. O bebê não possui a princípio uma estrutura de linguagem, uma rede de signos que o possibilite a comunicação, esta rede necessita ser estruturada. É o Outro, que pode ser a mãe a princípio, quem enviará seus significantes ao bebê. É na relação entre sujeito e estrutura simbólica que advém o Outro, o sujeito do inconsciente (MELLO, 2007).

Cabe salientar que nessa relação com o Outro onde, por meio da linguagem, os significantes vão sendo inscritos no sujeito, o sujeito não é passivo, ou seja, “O significado dado ao encontro com o Outro depende, portanto, do significante, é dele subsidiário, mas não é por ele totalmente determinado, exigindo o trabalho de significação que é feito pelo sujeito.” (ELIA, 2010, p. 42).

Quando se fala em sujeito para a psicanálise trata-se do sujeito do inconsciente, sujeito dividido ou sujeito barrado. O sujeito é o que um significante representa para outro significante,

ou seja, uma coisa só é uma coisa em relação a algo (WISNIEWSKI, 1989a).

O que gera a significação é a articulação entre significantes que ocorre no inconsciente, no Outro, sendo que o inconsciente, baseado no descrito acima sobre o conceito de simbólico:

[...] é uma lei de articulação e não uma coisa ou um lugar onde essa articulação se dá. Assim sendo, a cisão produzida na subjetividade pela psicanálise não deve ser entendida como a divisão de uma coisa em dois pedaços, mas como uma cisão de regimes, de formas, de leis.” (GARCIA-ROSA, 2009, p.174).

O inconsciente é o Outro, a outra cena, é o lugar dos significantes e onde eles se articulam. A princípio a criança não tem seu Outro, o Outro é a mãe, a criança necessita se apropriar dos significantes dela para, a partir daí, fundar seu próprio inconsciente, seu Outro. Isso só é possível se houver a quebra da relação alienada, ou seja, tem que haver a separação, um novo significante precisa se inscrever na relação para que a articulação dos significantes aconteça, esse significante é o chamado Nome-do-Pai ou Lei do Pai ou ainda, metáfora paterna. Assim, segundo Quinet (2012, p. 28) “O Nome-do-Pai é um significante estruturador de todos os significantes que constituem o inconsciente como discurso do Outro.”; e ainda, “O resultado da metáfora paterna é a inclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro (conjunto de significantes) e o acesso à significação fálica, que permite ao sujeito se situar como homem ou mulher na partilha dos sexos.” (QUINET, 2012, p. 29).

A Lei do Pai significa aquele que dá limites, que separa, que corta a relação de completude entre mãe e bebê e que os lembra que o desejo é do impossível (MELLO, 2007). O Complexo de Édipo, a separação, diz respeito a interdição do desejo e marca a passagem do Imaginário para o Simbólico, por mais que o Simbólico esteja presente desde o início, e ainda culmina com a fundação do sistema consciente, pré-consciente e inconsciente (GARCIA-ROZA, 2009).

Assim, o registro simbólico e o advento do sujeito estão ligados à separação do Outro, que consiste em um processo de simbolização em que o sujeito sai da posição de objeto do desejo da mãe e passar a uma relação de satisfazer o seu próprio Desejo, ou seja, passar de sujeito faltante para sujeito desejante, sair da alienação

(WISNIEWSKI, 1989b). Essa operação de separação diz da entrada da Lei do Pai pode ser explicada por meio da vivência do Complexo de Édipo que se dá em três tempos.

Lacan divide o Édipo em três tempos: o primeiro tempo tem como característica uma relação dual com a mãe; o segundo tem como característica a inserção do pai na relação e o advento do simbólico; o terceiro é marcado pela identificação com o pai e início da dissolução do Édipo ou declínio (GARCIA-ROZA, 2009).

2.1 PRIMEIRO TEMPO DO ÉDIPLO

O que caracteriza o primeiro momento do Édipo é a frustração, e ser ou não o falo da mãe entra em questão (JORGE; FERREIRA, 2005).

Segundo Lacan (1964b, p. 207) “É no que seu desejo está para além ou para aquém no que ela diz, do que ela intima, do que ela faz surgir como sentido, é no que seu desejo é desconhecido, é nesse ponto de falta que se constitui o desejo do sujeito”. Ou seja, no processo de identificação com o outro, no Estádio do Espelho, a criança se identifica também com a falta desse Outro, com seu desejo e se põem a ocupar esse lugar faltoso do Outro, ele se coloca como falo da mãe, objeto da falta. No entanto, na interação com esse Outro o bebê percebe que este Outro lhe falta, que a mãe não se dedica somente a ela, o bebê percebe que não é só com o ele que a mãe conversa e que em alguns momentos a mãe não está com ele, que não está com ele o tempo todo e nisso ele percebe que o Outro deseja fora dele, que é barrado e que ele não é capaz então de ocupar o lugar de falo da mãe.

A falta que estava coberta pelo véu da alienação volta a ser escancarada e a única saída para o sentido é a via do desejo, ou seja, saber que lugar se ocupa no desejo do Outro, e isso é feito por via da fantasia. É por meio da fantasia que se tenta produzir o sentido de o que se é no desejo do Outro (SIRELLI, 2010).

No primeiro momento do Édipo a criança se vê como o falo da mãe, o desejo do desejo da mãe e isso se dá porque a criança se identifica com a mãe. O que predomina é o imaginário, a alienação à mãe. Não há aqui individualidade psíquica, a relação é dual. Esse período é o do narcisismo, da onipotência da criança (GARCIA-ROZA, 2009). Colocar o bebê na posição de objeto do desejo dos pais, ou seja, no lugar de falo é essencial para a estruturação psíquica dos

seres humanos, é essa posição em que a criança é colocada que proporciona a humanização. A criança tem que ser o falo da mãe para que se inscreva no simbólico (JORGE & FERREIRA, 2005).

Na relação com o Outro para a satisfação das necessidades o corpo do bebê, vai sendo erogenizado e algo além da satisfação entra em jogo, é o prazer. A necessidade passa então a se transformar em uma demanda endereçada ao Outro que é de amor. A demanda é de amor por que o objeto da satisfação se perdeu na primeira experiência de satisfação e agora o bebê precisa se fazer amar pela pessoa que supostamente possui esse objeto, esse Dom. O sujeito assim está barrado, dividido, faltoso por um significante que se perdeu, representado por esse objeto (MELLO, 2007).

2.2 SEGUNDO TEMPO DO ÉDIPO

O segundo momento do Édipo é onde ocorre a intensificação do registro simbólico e a entrada do pai como aquele que interdita, barra a mãe em relação ao filho. O pai priva ambos, criança da mãe e mãe da criança, e esta privação ira ocasionar a quebra do narcisismo primário pela Lei do Pai (GARCIA-ROZA, 2009).

O que o pai priva com a Lei é o gozo do sujeito tido ao se colocar como objeto do Desejo da mãe. A criança percebe então que o Desejo da mãe não pode ser seu objeto de gozo. A Lei serve tanto para a criança como para a mãe, no sentido de que proíbe também que a mãe coloque o bebê como seu objeto de gozo, seu falo; e, para a criança mostra que a mãe é também ultrapassada por uma Lei maior que ela (QUINET, 2012).

O pai passa a ser o falo, o pai é a lei, ele tem o poder de interditar e deslocar o desejo da mãe. O pai é um pai simbólico um **o**, outro com o minúsculo. O pai aqui ainda não é o pai real, de carne e osso, mas sim o pai que se presentifica por intermédio da fala da mãe, no momento em que está se submete à Lei do Pai, ela deve faltar (GARCIA-ROZA, 2009).

É fundamental que a mãe reconheça que está submetida a Lei do pai. Não é preciso a presença do pai como personagem. Uma mãe viúva, por exemplo, pode perfeitamente exercer a função do pai real. Basta que ela diga e de provas de que o objeto de seu desejo não é o filho, pois, por detrás dela existe

uma mulher que não tem o falo e, justamente por isto, vai buscar em um homem, e não no filho, o que ela não tem (JORGE & FERREIRA, 2005, p. 54).

Aceitar sua própria castração, isso faz com que a onipotência da mãe seja transferida para o pai que passa a ser quem possui o falo imaginário (o Dom). O filho tem de saber que ele não é o objeto de desejo da mãe, que a mãe deseja o pai, e é a mãe quem deve demonstrar isso ao bebê, dizendo, mostrando, ou seja, por meio da linguagem. O pai assim reforça a frustração do primeiro tempo do Édipo (JORGE; FERREIRA, 2005).

O objeto de gozo da criança é o Desejo da mãe, o que a lei faz é barrar o sujeito a esse gozo de ser o objeto da mãe, lugar de objeto de gozo do Outro. A castração é assim definida como um efeito da separação entre o bebê e a mãe (MELLO, 2007).

A introdução do Nome-do-Pai no lugar do Outro barra o acesso do sujeito ao gozo e ele não mais poderá ocupar o lugar de objeto do gozo do Outro, a não ser na fantasia. Assim, o Outro, como lugar dos significantes, se torna o Outro como lugar da Lei. Essa operação tem como resultado a instauração de uma falta, que Freud chamou de castração, que terá como consequência tornar o Outro inconsciente... (QUINET, 2012, p. 29).

O pai castra o desejo de união com a mãe e esse desejo é então recalçado, culminando na separação e clivagem dos sistemas consciente e inconsciente. A criança não se vê mais como sendo o falo da mãe e passa a se questionar sobre ter ou não ter o falo, a mãe deixa de ser a Lei, agora quem tem o falo é o pai e ele é quem é a Lei (GARCIA-ROZA, 2009).

2.3 TERCEIRO TEMPO DO ÉDIPO

Freud caracteriza o que impulsiona a dissolução do Complexo de Édipo como consequências de uma sequência de acontecimentos decepcionantes na vida do bebê, segundo Freud (1924, p. 195) "...a ausência da satisfação esperada, a negação continuada do bebê desejado, devem, ao final, levar o pequeno amante a voltar as costas ao seu anseio sem esperança.". A primeira decepção da criança seria a retirada do seio, em seguida, a cobrança de que o bebê

defeque, e então o desapontamento em perceber a diferenciação sexual a qual faz emergir a ansiedade da castração.

O menino percebe, mais cedo ou mais tarde, que a menina não possui um pênis, fato que ele acreditava assim ser, e isso faz com que ele imagine a possibilidade de ele perder o seu. Já a menina, imagina que tinha um pênis e que foi castrada, ou seja, a castração é vista como um fato já consumado e sendo assim, a ameaça de castração não ocorre na menina. O que ela teme é uma perda de amor advinda da intimidação de sua sexualidade feita pelos cuidadores (FREUD, 1924).

Segundo Lacan (1958), o complexo de castração é o efeito da percepção da castração da mãe, a qual seria a última pessoa a ser castrada, devido ela ser inicialmente o Outro pleno, ou seja, é a barra no desejo da mãe que faz emergir a angústia da castração devido a fazer o próprio sujeito se deparar com a sua própria castração.

A angústia da castração é que leva a criança ao jogo das identificações e o conseqüente declínio do Complexo de Édipo. O menino renuncia ser o falo da mãe e identifica-se como aquele que é o detentor do falo; a menina identifica-se com a mãe sob a forma de não ter, mas de saber onde deve ir buscá-lo (COSTA, 2010).

No menino, isso se deve a impossibilidade de obtenção de satisfação do Complexo de Édipo, pois a perda do pênis seria um fato. Se ele se colocar como objeto da mãe, o pai pode lhe castrar, e, se ele se identificar com a mãe ele não terá um pênis, pois mulheres não o tem. O Édipo da menina haveria uma mudança de objeto, da mãe para o pai, e a mudança de desejo de ter um pênis para ter um bebê, o bebê entraria como a possibilidade de ter o falo (GARCIA-ROZA, 2009; FREUD, 1924).

É nesse jogo de identificações que o sujeito se posiciona sexualmente como homem ou mulher. Há duas saídas para o menino: se identificar com a mãe, o que lhe dá o caráter feminino, ou intensificar a identificação com o pai, o que lhe dá o caráter masculino (FREUD, 1924). A saída para a menina é então se identificar com a mãe e ter o pai como objeto amoroso, o que lhe confere a feminilidade, ou ao se comparar com os meninos não aceitar sua castração e manter a ligação libidinal com a mãe, o que lhe confere o caráter masculino (COSTA, 2010).

O que possibilita o processo descrito acima são os mecanismos de introjeção, identificação e dessexualização. O sujeito introjetaria os pais, colocaria-os para dentro do seu aparelho psíquico; se identificaria com eles, ou seja, se tornaria igual a eles; e dessexualizaria os pais, tirando sua libido deles e a partir daí dirigi-la a outros objetos. Isso causa uma alteração no Eu que é chamada de Supereu que segundo Freud (1924, p. 198) “A autoridade do pai é introjetada no ego e aí forma o núcleo do superego, que assume a severidade do pai e perpetua a proibição deste contra o incesto, defendendo assim o ego do retorno da catexia libidinal.”. Repressão é o nome dado “ao afastamento que o ego sofre da realidade diante do complexo de Édipo. O supereu guia como o sujeito deve ser, quanto o que o sujeito não pode ser/ter e com isso ele mantém realçado o Complexo de Édipo. Quanto mais forte o Complexo de Édipo e mais rápido for o recalque, mais severo o superego será (FREUD, 1923).

Esse processo descrito por Freud, em termos Lacanianos é descrito como a entrada na ordem simbólica. A dissolução do complexo de Édipo se dá devido a simbolização pois:

Tudo que se refere a libido, à pulsão, ao gozo, está aprisionado nos impasses do imaginário, e no imaginário não há solução possível. A libido, aprisionada no círculo vicioso imaginário deve ser então, integrada á ordem simbólica e traduzida em termos de desejo, pois a questão do inconsciente só poderá ser resolvida no simbólico (MELLO, 2007, p. 122).

É necessário que haja simbolização do imaginário para que haja a falta e dela advenha o desejo. Ao estar preso na alienação a falta é como se não existisse, o bebê se vê completo na alienação. É a Lei do Pai, que promove a significação do falo imaginário para o falo simbólico e marca a saída das relações objetais imaginárias para outros objetos que poderão restaurar a completude (MELLO, 2007).

Ocorre então a passagem do sujeito faltante para o sujeito desejante. A criança sai da relação de objeto com a mãe e passa a uma relação de satisfazer o seu desejo e não o da mãe, percebe-se a si como um ser, passa a experienciar as coisas por si mesma. (GARCIA-ROZA, 2009; WISNIEWSKI, 1989b).

A internalização das figuras parentais

significa a interiorização da Lei do Pai e o o recalque do desejo. É o recalque que então funda o inconsciente, funda o Outro, funda o sujeito. Se houve recalque é porque ocorreu a identificação simbólica no Édipo e os ditos dos pais foram introjetados dando origem ao Superego (QUINET, 2012).

O Superego é a Lei, e o que ela barra é o gozo e não o desejo, barra o gozo do sujeito ao se colocar como objeto da mãe. Esse gozo a partir da castração só poderá ser realizado a nível da fantasia. O resultado disso é a falta, que segundo Quinet (2012, p. 29) “terá como consequência tornar o Outro inconsciente”. É a partir da falta que o desejo pode emergir, “O que o Outro quer de mim?” é o que passa a articular o desejo inconsciente.

O terceiro momento do Édipo caracterizar-se-ia assim, com a passagem do pai ao simbólico, um O, grande outro com o maiúsculo, o representante da Lei, e não mais a Lei em si. Aqui o pai também é castrado, ninguém mais é visto como falo e nem como Lei. (GARCIA-ROZA, 2009). Ter ou não ter o dom caracteriza esta fase, marcada pelo declínio do Complexo de Édipo, e marcado pela simbolização da Lei. O falo imaginário passa a ser simbólico, reconhece-se que o pai é também castrado, no entanto ele tem algo com valor de Dom. Falo se refere ao símbolo do poder e completude (Dom) e não deve ser confundido com o órgão sexual masculino. (JORGE & FERREIRA, 2005; GARCIA-ROZA, 2009).

De maneira geral pode-se dizer que no processo de separação “...é preciso renunciar ao que nunca se foi e ao que nunca se teve, mas que um dia se acreditou ser (frustração) e ter (castração) para que seja possível a simbolização do falo como objeto de dom (privação).” (JORGE & FERREIRA, 2005, p.55).

3 OBJETO a E O REGISTRO DO REAL

O sujeito precisa, a princípio, se alienar no campo do Outro para se salvar, mas, posteriormente necessita dele se separar para se constituir como sujeito desejante. A operação de separação é realizada no momento em que o significante Nome do Pai se inscreve como uma barra, o que causa um corte no sujeito. No entanto, nesse corte parte da experiência é simbolizada e inscrita no aparelho psíquico fundando os sistemas consciente e inconsciente,

mas, uma outra parte permanece não simbolizável. Esse não simbolizável é assim um resto da operação de separação, é algo que “cai”, que se desvela no momento da divisão, é o *objeto a* (SIRELLI, 2010).

O *objeto a* é do Real, do não simbolizável, ele não pode ser representado no simbólico:

Em sua vertente real, designa *das Ding*, resto, resíduo produzido a partir da relação do ser vivente com o Outro, rebotalho que não é representado no aparelho psíquico, configurando um furo, um vazio contornado por representações, em torno do qual o inconsciente, estruturado como uma linguagem, se funda (SIRELLI, 2010, p. 38).

É desse vazio que advém o desejo, o *objeto a* é assim objeto causa do desejo, e, causa o desejo devido sua característica de impossibilidade de recobrimento pelo significante, ou seja, não há objeto capaz de recobrir tal vazio. O desejo que advém do vazio coloca o aparelho psíquico em movimento, movimento rumo ao encontro de tal objeto que supostamente foi perdido, supostamente porque na verdade o sujeito nunca o teve, e que restituiria a satisfação completa (SIRELLI, 2010).

O Desejo é fundado pela falta, conforme Mello (2007, p. 125) é um “espaço vazio que se impõe, a partir do simbólico, entre um e o outro”. O Desejo é um vazio, o qual move o sujeito na busca de encontrar um objeto que o preencha, no entanto, o Desejo é um vazio que nunca se preenche por ser estrutural do ser humano. Isso nos remete ao que relatamos na introdução deste trabalho sobre a “Coisa” em Freud, a qual se passa a vida a procurar, mas que, no entanto, como diz Lacan, é algo que nunca se teve.

A satisfação assim é sempre parcial porque não há objeto que de conta desse vazio deixado pela queda do *objeto a*, e, nem haveria de ter pois isso significaria a morte do sujeito, sem desejo não há sujeito. Assim, busca-se nos objetos substitutos algo que tampone essa falta, esse vazio, algo eu supostamente teria o poder de dar o sentido último, a completude. Esse objeto poderoso, na psicanálise é o que o falo representa. O falo é então “...aquilo que é visado pelo sujeito, por ser investido como o que lhe falta para ser pleno.” (MURANO, 2006b, p. 32). Nesse sentido é que pode-se diferenciar o *obje-*

to a do objeto da pulsão. O *objeto a* é o objeto causa do desejo, ele pertence ao Real, ao não simbolizável; enquanto que o falo é o objeto do desejo, ou seja, o objeto da pulsão, que é do simbólico (MURANO, 2006b).

Não é possível reencontrar o objeto que supostamente traria a completude, porque esse objeto na verdade nunca existiu, a falta é estruturante do sujeito, assim, “o movimento desejante não se estanca, de forma que todo encontro com o objeto guarda essa dimensão de encontro com a falta, atualizando a certeza de que “ainda não era bem isso”, promovendo um deslocamento metonímico do desejo e dos objetos que a ele se atrelam.” (SIRELLI, 2010, p. 39).

Esse “ainda não era bem isso”, é explicado por Elia (2010), pela passagem do campo da necessidade ao campo do desejo onde um terceiro elemento entra em cena, a demanda. Segundo ele, baseado em Freud e Lacan, na experiência de satisfação do bebê o objeto da necessidade chega até o bebê por alguém que o traz. Se não tiver quem traga, o objeto não chega ao bebê. Assim, a criança passa não querer só o objeto, mas também aquele que o traz. Podemos dizer aqui que o objeto está relacionado ao pequeno outro e quem traz o objeto está relacionado ao grande Outro. A essência da demanda passa a ser então a presença do Outro e o sujeito passa a se mover em direção ao Outro capaz de trazer o objeto e não mais ao objeto em si. O efeito dessa passagem da necessidade para o campo da demanda é o apagamento do “rostro” do objeto da necessidade porque ele é fragmentado pelo significante e se transforma em pulsão (ELIA, 2010).

Aqui tem-se então dois aspectos, ao nível da demanda se quer a presença, o amor do Outro e, pelo outro, a pulsão o move em direção ao objeto perdido, fragmentado pelo significante, que falta e que jamais fora conhecido pelo sujeito. Assim, o que habita a demanda/amor é um objeto faltoso que é o *objeto a* e que causa o desejo no sujeito, o *objeto a* é assim objeto causa. Objeto do desejo e objeto causa são coisas diferentes:

[...] quando o desejo se volta para objetos –única coisa, aliás, que ele faz incessantemente –, ele o faz revestindo o objeto faltoso que o causa com alguma marca, algum atributo de significação que faz o objeto o alvo do desejo. Causa e alvo, no caso do desejo, portanto, jamais coincidem (ELIA, 2010,

p.54).

Os objetos que de alguma forma são eleitos como objetos do desejo no decorrer da vida do sujeito tem relação com “...aquilo que é visado pelo sujeito, por ser investido como o que lhe falta para ser pleno.” (MURANO, 2006b, p.32); é o falo para a psicanálise, falo como representação de um objeto poderoso. Nesse sentido é que podemos diferenciar o *objeto a* do objeto da pulsão. O *objeto a* é o objeto causa do desejo, ele pertence ao Real, ao não simbolizável, do “sem rosto”; enquanto que o falo é o objeto do desejo, ou seja, o objeto da pulsão, (MURANO, 2006b).

Contudo, a pulsão pode fazer vários caminhos para obter satisfação e se utilizar de objetos diferentes para isso:

O objeto da pulsão é aquilo em que, ou por meio de que, a pulsão pode alcançar sua meta. Ele é o elemento mais variável na pulsão e não está originariamente vinculado a ela, sendo-lhe apenas acrescentado em razão de sua aptidão para propiciar a satisfação. Em rigor, não é preciso ser um outro objeto externo, pode muito bem ser uma parte de nosso próprio corpo. Ao longo dos diversos destinos que a pulsão conhecerá, o objeto poderá ser substituído por intermináveis objetos [...] (FREUD, 1915b, p. 149).

A satisfação da demanda é assim impossível, pois ela é habitada pelo desejo e não por objetos. Segundo Lacan (1958, p. 340): “Assim, sempre desconhecemos, até certo ponto, o desejo que quer fazer-se reconhecer, uma vez que lhe atribuímos seu objeto, quando, na verdade, não é de um objeto que se trata – o desejo é desejo daquela falta que, no Outro, designa um outro desejo.” É isso que caracteriza que o que se pede nunca irá necessariamente coincidir com o que realmente se deseja, assim se diz que há uma mentira estrutural na demanda. A demanda não é formulada para ser satisfeita (ELIA, 2010). A satisfação assim é sempre parcial, porque não há objeto que de conta desse vazio deixado pela queda do *objeto a*, e, nem haveria de ter pois isso significaria a morte do sujeito, sem desejo não há sujeito. Assim, busca-se nos objetos substitutos algo que tampone essa falta, esse vazio, algo eu supostamente teria o poder de dar o sentido último, a completude, objetos que tem valor de falo (MURANO, 2006b).

O sentido, as respostas que o sujeito

deseja e que o colocam em busca partem das questões que vem a tona na castração: “O que quer dizer tudo isso?”; “Que queres?”; “O que o Outro quer de mim?”. Essas questões surgem diante do insuportável da falta e são respondidas por meio da elaboração da fantasia fundamental, que visa às respostas para a falta, ou seja, a inconsistência do Outro, de modo com que o mundo possa ser visto como dotado de sentido e consistente. A fantasia é a resposta que faz borda ao vazio que a extração do *objeto a* causado pela castração deixou, ou seja, é um emaranhado, uma teia de significantes que circula o *objeto a* articulando o sujeito com seu objeto causa do desejo. A partir da castração o sujeito só pode viver o gozo na fantasia, a qual diz de uma possibilidade de reencontro com o objeto perdido (SIRELLI, 2010).

A fantasia se refere ao desejo de se encontrar novamente esse *objeto a* e com isso sermos plenos novamente, poder gozar sem restrições (MURANO, 2006). Seria o retorno ao narcisismo primário ao qual se passa o resto da vida tentando retornar (FREUD, 1914). O ser humano cria a fantasia para preencher o vazio da falta insuportável, ele veste objetos que supostamente dariam a verdade última sobre o ser e é essa fantasia que passa a orientar o desejo e com isso a forma como o ser se relaciona com os outros e com o mundo (MURANO, 2006b).

[...] é com uma fantasia fundamental que o sujeito veste sua *falta-a-ser*, constituindo assim sua subjetividade, pela emergência de um desejo que marca um estilo próprio de ele se haver com o desejo do Outro, tentando responde-lo e salvando-se assim da absoluta inconsistência e da confrontação insuportável com o real inapreensível [...] (MURANO, 2006b, p.37).

Todos os sujeitos irão passar pela confrontação da castração, da falta, do terrível do Real, no entanto, a forma com que cada sujeito ira lidar com a sua castração pode ser diferenciada, sendo que a forma como ele se posicionará frente ao Real diz do posicionamento do seu desejo. A formação da fantasia fundamental diz de um posicionamento de recalcar seu desejo e de não querer saber sobre ele. Essa forma de posicionamento é o que funda a estrutura denominada de neurótica. Tem-se ainda a estrutura perversa e a psicótica. Essas três estruturas serão descritas no item a seguir.

4 SAÍDA PARA AS TRÊS ESTRUTURAS

Existem três modalidades de defesa possíveis na dissolução do complexo de Édipo que também são chamadas de estruturas, são elas: neurose, psicose ou perversão. As três estruturas dizem de um modo singular de o sujeito articular os três registros que constituem o aparelho psíquico: Imaginário, Simbólico e o Real. Dizem de uma estrutura de linguagem, da relação do sujeito com o significante ou seja, com o Outro. Como o sujeito se posiciona frente a castração do Outro e assim, com o seu próprio desejo. A castração é um confrontar-se com a realidade de que a plenitude é algo do impossível, que a satisfação é sempre parcial, que se é um ser faltante e que é necessário renunciar a posição de objeto do desejo e tornar-se por si um sujeito desejante (QUINET, 2006; MURANO, 2006).

Segundo Freud (1924/1923, p. 169) a estrutura da neurose se origina por “recuar-se o ego a aceitar um poderoso impulso instintual do Id ou a ajudá-lo a encontrar um escoador ou motor, ou de o ego proibir aquele impulso o objeto que visa. Em tal caso, o ego se defende contra o impulso instintual mediante o mecanismo da repressão”. Isso se dá porque o Eu é a instância psíquica que media a realização dos impulsos instintuais e a realidade externa.

A estrutura neurótica assim, é uma defesa de algo que diz do insuportável do Desejo que foi construído a partir do conflito entre o desejo e aquilo que o censura, com base no Ideal do Eu (MURANO, 2006b).

As exigências sociais, éticas e culturais do mundo externo são vividas por todas as pessoas, porém, cada um reage a elas de maneiras distintas. Algumas pessoas fazem o processo de recalçamento e outras não. As pessoas que não recalcam é porque não formaram um Ideal ao qual mediriam seu Eu. Não existe recalque sem um Ideal, o Ideal é condicionante (GARCIA-ROZA, 2009; FREUD, 1914).

O recalque atuaria então como o significante Nome-do-Pai que é uma barra, um não a satisfação plena, “um não dado pelo Eu à determinada representação intolerável, à determinada moção pulsional que pede satisfação.” (JORGE & FERREIRA, 2005, p.34). A barra divide o Eu e o sujeito, ou seja, cinde o aparelho psíquico em dois sistemas: Pré-consciente/Consciente e Inconsciente (JORGE; FERREIRA, 2005).

Assim, na estrutura da Neurose (Verdran-

gung), denega-se a castração, mas conserva-a no inconsciente, recalca-se a Lei aqui. O Outro é barrado e se torna inconsciente, isso faz com que o Eu se separe do Outro. Essa negação irá retornar no simbólico com fenômeno de sintoma. Um neurótico não recorda o que aconteceu na infância mas isso se mostra no sintoma (QUINET, 2009; QUINET, 2012).

O desejo recalçado para o inconsciente, luta contra o recalque, pois ele quer ser satisfeito e satisfeito na realidade, no entanto, para que isso aconteça ele tem que passar pelo Eu para se dirigir a um objeto do mundo externo. Como quem o recalçou foi o próprio Eu o desejo se “disfarça”, cria caminhos aos quais o Eu não exerce seu poder, ou seja, uma representação substitutiva de tal desejo que é o sintoma. No entanto, nesse processo o Eu acaba por se ver ameaçado pelo sintoma e passa a lutar contra ele, da mesma maneira que lutou contra o desejo original. No caso da neurose, o Eu entra em conflito com o Id, a serviço do supereu, herdeiro do complexo de Édipo, que internalizou as regras da realidade (FREUD 1924/1923).

O sintoma se forma no momento em que a Lei faz a amarração entre os três registros psíquicos, ISR (Imaginário, Simbólico e Real), e vem como uma solução dada pelo sujeito frente ao real traumático da castração. O sintoma do neurótico faz por um lado que seu desejo seja realizado e por outro ele demonstra que houve o recalçamento do Desejo. O sintoma é efeito da entrada do simbólico no real e um “sim” a Lei, Nome-do-Pai. É pelo sintoma que o sujeito expressa o que é mais difícil do seu Desejo (MURANO, 2006; MURANO, 2006b; JORGE & FERREIRA, 2005).

Lacan fala do sintoma como uma máscara do desejo ressaltando que:

[...] o fato de o desejo humano não estar diretamente implicado numa relação pura e simples com o objeto que o satisfaz, mas estar ligado a uma posição assumida pelo sujeito na presença desse objeto e a uma posição que e assume fora de sua relação com o objeto, de tal modo que nada jamais se esgota, pura e simplesmente, na relação com o objeto (LACAN, 1958, p. 331).

É o sintoma, resultante da inserção da Lei que barra o Outro e o torna inconsciente, que amarra os três registros do aparelho psíquico, I, S, e R, o sintoma é o quarto aro que tem uma

função de suplência. A “...realidade psíquica, é estritamente vinculada ao Édipo que funciona para o neurótico como o sintoma que a sustenta.” (QUINET, 2006, p.56).

Tem-se como característica da estruturação neurótica a influência da realidade no recalque, e a reação do Id contra essa repressão e o fracasso do recalque que acaba por formar o sintoma. Tem-se ainda que a causa da repressão é conhecida, mas o sujeito volta as costas para ela, esquecendo-a, ou seja, há na neurose uma fuga do fragmento da realidade que é insuportável e que tenta-se por meio da fantasia substituí-lo por uma realidade que esteja mais de acordo com os desejos (FREUD, 1924b).

Lacan (1958) diz que o desejo não é articulável, mas, no entanto, isso não quer dizer que ele possa ser articulado. É por meio da fantasia que o neurótico faz esse processo. É a fantasia que consiste na realidade psíquica singular do neurótico, e é ela que vai operar como uma matriz psíquica que mediará as relações do sujeito com os outros e com o mundo (JORGE & FERREIRA, 2005).

Diferentemente da neurose que é o resultado de um conflito entre o Eu e o Id, na psicose o conflito que se instala é entre o Eu e o mundo externo. O mundo externo passa a não ser percebido ou sua percepção passa a não ter efeito algum sobre o indivíduo. O eu, na psicose cria um novo mundo externo e interno que, segundo Freud (1924/1923, p. 170), “esse novo mundo é constituído de acordo com os impulsos desejosos do id e que o motivo dessa dissociação do mundo externo é alguma frustração muito séria de um desejo, por parte da realidade – frustração que parece intolerável.”. Essa nova realidade criada é uma forma de reparação do dano causado pelo afastamento do Eu da realidade (FREUD, 1924b).

Baseando-se na obra de Lacan, na psicose (*Verwerfung*), a forma de defesa contra o desejo é denominado de foraclusão do Nome-do-Pai, ou seja, da Lei. Foraclusão significa que não há a inclusão da Lei no lugar do Outro, ou seja, o Outro não é barrado e com isso não ocorre a divisão do aparelho psíquico em Consciente e Inconsciente. Diferentemente do recalque que ocorre na neurose, na foraclusão a representação psíquica que é insuportável é rechaçada como se nunca tivesse existido, não existe traço algum da representação psíquica. Pode-se dizer, de outra forma, que o psicótico não percebe

o limite, não percebe a Lei, não percebe a castração (QUINET, 2006; MURANO, 2006).

O que foi repudiado frente a realidade, ou seja, esse fragmento da realidade rejeitado é o que retorna sem parar para ser reparado. O que foi rejeitado se impõem à mente da mesma forma como o que foi reprimido na neurose. É o que em termos lacanianos se traduz em que, a Lei não deixa de existir por que o psicótico não a percebeu, ela é negada no simbólico mas retorna no real, em forma de delírio e alucinação (FREUD, 1924b; QUINET, 2006; QUINET, 2009).

Uma das características da estrutura da psicose são os distúrbios de linguagem que ocorrem devido a forclusão. Para que haja a articulação de significantes gerando significados e a entrada no mundo da linguagem, é necessário que haja a falta de pelo menos um significante, e essa falta só é inscrita no sujeito se houver a internalização da Lei, como isso não ocorre na psicose, pois, o Outro continua sendo o lugar dos significantes e não da Lei, significante e significado aparecem radicalmente separados. Assim, o sujeito só tem significado, o que confere a falta de sentido, a linguagem desconexa do psicótico (QUINET, 2006; QUINET, 2009).

Segundo Lacan (1958) o desejo do Outro não é simbolizado na psicose, o que faz com que a fala do Outro não se torne inconsciente, o Outro fica como o lugar da fala e assim, fala com o sujeito e fica do lado de fora do sujeito. Esse desejo, esse Outro rejeitado no simbólico retorna no real em forma de alucinação, que nada mais é do que o Outro como falante. O sujeito fica assim, segundo Lacan (1958, p. 493) “dependente da estrutura significante do desejo do Outro”.

Como não há divisão subjetiva no psicótico, a divisão que existe é no próprio Eu, e o Outro acaba por estar “fora”. Assim não há dialética nas ideias do sujeito e com isso não podem ser colocadas em dúvida e nem questionadas, o psicótico tem certeza, ao contrário do neurótico que por ter uma divisão subjetiva, onde se tem um sim e um não a Lei a dúvida é sua característica (QUINET, 2009).

A forclusão e a conseqüente não entrada no simbólico, diz da não travessia do Édipo e assim, pode-se dizer que o psicótico fica fixado no narcisismo primário, na alienação, onde ele não deseja nada, é apenas um objeto do desejo do Outro. Por falta de referência simbólica ele funciona no registro imaginário, onde o outro é

tomado como espelho e modelo de identificação imediata, formando o eixo eu-outro do estádio do espelho. É como se o sujeito vivesse se equilibrando em um banquinho de três pernas, o sujeito na psicose tem assim uma semi-estabilidade (QUINET, 2006).

É a travessia do Édipo que possibilita a entrada no simbólico e o posicionamento do sujeito na partilha dos sexos, ou seja, simbolizar a questão sexual que no inconsciente não tem representação. Como o psicótico não passa por esse processo existe aqui uma dificuldade de posicionamento do sujeito frente a sexualidade. No momento em que o sujeito se confronta com alguma situação da vida na qual ele precisa se posicionar, o psicótico se remete as suas questões imaginárias, que desencadeiam o delírio e as alucinações que vem para suprir a falta desse significante (COSTA, 2010).

O delírio é a forma que o psicótico tem de fazer as coisas adquirirem uma certa consistência. O delírio supre a forclusão, ele é colocado no lugar onde ocorreu uma falha na relação do sujeito com a realidade, assim o delírio é como uma ponte. O delírio atua como um remendo, algo que é costurado no lugar em que originalmente uma fenda e abriu na relação do Eu com o mundo externo. É no delírio que o psicótico constrói o que é chamado de metáfora delirante, que consiste em criar algo que atue como substituto da Lei, seria ele uma tentativa de entrada na Lei e barrar o gozo do Outro. A estabilização do delírio ocorre quando a metáfora delirante entra no lugar do nome do pai foracluído, possibilitando um sentido ao redor dela, ou seja, “A indução do significante permite-lhe instituir uma ordem, apesar de delirante, e reconstruir o mundo” (QUINET, 2006, p.43).

O gozo que se trata aqui é um gozo além do sexo, é um gozo consigo mesmo, gozo por sua autossuficiência. O sujeito goza com ele mesmo. Porque tem o *objeto a*. A não simbolização da Lei faz com que o sujeito viva no real do gozo absoluto, não seja barrado e com isso não se funde o inconsciente, ou seja, não há falta no psicótico e conseqüentemente não há desejo. O sujeito psicótico possui o *objeto a*, ele é pleno, não necessita do Outro para ter desejo e com isso vive no campo do Real. O delírio é justamente uma tentativa de separação do *objeto a*, tentando localizar o gozo em algum objeto fora de si mesmo (QUINET, 2006; QUINET, 2009).

No psicótico o Outro não é barrado e,

portanto, ele é possuidor do *objeto a* sob a forma de voz e de olhar, observados facilmente nos delírios e alucinações. É por isso que é característico no delírio o sujeito ouvir suas próprias vozes, mas como se fosse de outra pessoa. Na psicose quem fala para o sujeito é um Outro, é uma voz que vem de fora dele e que o comanda, pois, o psicótico se coloca como objeto desse Outro (QUINET, 2012).

Na estrutura perversa a forma de defesa do sujeito frente a castração é denominada de denegação ou desmentido (*Verleugnung*). Tal mecanismo é se caracteriza pela aceitação e não aceitação da Lei ao mesmo tempo, ou seja, um sim e um não simultâneos que culminam na cisão sobre o próprio Eu (JORGE & FERREIRA, 2005).

Diferente da psicose que o Eu cinde com a realidade, na perversão o Eu se divide em duas partes contraditórias entre si, onde uma parte aceita a castração do Outro e a outra a nega sem que uma “crença” anule a outra. A parte que nega a castração fica ligada à realização do desejo e a outra parte fica ligada a realidade (FERRAZ, 2010).

Na perversão, a denegação sustenta a crença infantil de que todos possuem um pênis, isso ocorre no momento em que a criança percebe a diferença anatômica dos sexos e se vê tomada pela angústia da castração. A sustentação dessa crença dificulta o processo de separação do Outro e o processo de simbolização, que fazem com que o ato/ ação predomine sobre o pensamento (FERRAZ, 2010).

A denegação da realidade está assim ligada à recusa de aceitar a percepção da realidade da ausência do pênis na mulher, na mãe. Essa recusa demonstra uma atitude estritamente infantil diante da castração da mãe, que, apesar de ser percebida, esta ausência é negada com o objetivo de neutralizar a angústia de castração. Como a castração é no fundo percebida, o pênis é “encarnado” em outro objeto do mundo real, o objeto fetiche (DOR, 1991).

O fetiche é uma das características da perversão, é uma forma de negação da castração do Outro. É um substituto para a falta do pênis na mulher e tem como característica ser “uma presença que substitui uma ausência, significando, portanto, a realização de um desejo” (FERRAZ, 2010, p.46). Essa presença se dá de forma ilusória, há aqui uma crença ilusória que desempenha o papel na vida psíquica de nega-

ção da castração da mulher.

O perverso não desconhece a castração do Outro, ele conhece muito bem a Lei, mas não quer saber dela, ele a ignora, não quer saber de limite algum. O perverso é aquele que goza justamente na transgressão da Lei (MURARO, 2006; QUINET, 2009).

Transgressão da Lei, que em um neurótico acarretaria em culpa, é o que no perverso lhe dá uma satisfação. “O perverso, portanto, não se encontra sujeito às insatisfações, inibições, ruínas de culpa, dúvidas, medos e todas as demais formas de tormento psíquico que, normalmente, assolam os neuróticos.” (FERRAZ, 2010, p.123). Assim, o perverso vive em uma base narcísica de gozo excessivo, o que faz com que dificilmente ele venha a sofrer dores psíquicas que o levariam a procurar ajuda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo discorreu sobre a constituição do sujeito para a psicanálise, embasando-se na teoria de Freud e Lacan. Ao nascer o ser humano é um corpo biológico, ele não é um sujeito, pois o sujeito tem que ser constituído. Devido a condição de imaturidade tanto biológica quanto psíquica o bebê necessita de um outro semelhante que lhe garanta a satisfação de suas necessidades biológicas para garantir sua sobrevivência e é nessa relação com o outro que o sujeito irá advir. Juntamente com a satisfação das necessidades vai ocorrendo a erotização do corpo que propicia que a pulsão, apoiada no instinto, advenha. É nesse sentido que Freud diz que o Eu é a princípio um Eu corporal e que o sujeito é pulsional e não está presente desde o início.

Lacan explica a constituição do sujeito por meio das operações de alienação e separação. Dentro do processo de alienação, pode-se destacar que ao nascer o bebê é imerso em uma cultura a qual o bebê tem que ser inserido e é o Outro quem vai dando os significantes que vão mostrando para a criança quem ela é e como o mundo é. No entanto, esses ditos são do Outro e não da criança, a criança em um primeiro momento se aliena a esses ditos como forma de dar sentido a si mesma e ao mundo até o momento em eu por si mesma ela consiga dar sentido a sua própria existência. Um outro aspecto da alienação é a alienação ao desejo do outro, se colocar na posição de objeto do desejo do outro

para com isso suportar a angústia e o desamparo natural dos seres humanos. A alienação atua como um véu que mascara a falta tanto da criança como da mãe.

A alienação é necessária para a constituição do ser humano, porém na alienação o ser não é um sujeito, na alienação o bebê não deseja por si só, ele está preso em uma relação onde ele só é por meio do Outro, e ainda, essa relação dá a ilusão de que o ser é completo e sem faltas e, conseqüentemente, a criança não é um ser desejante. Assim, a alienação precisa dar espaço ao processo de separação o qual possibilitará o advento do sujeito desejante, trata-se do sujeito do inconsciente que diferentemente do Eu que segue o princípio da realidade e da consciência, segue a lógica do desejo inconsciente.

O processo de separação é explicado em três tempos que são os três tempos do complexo de Édipo, num primeiro momento a criança e mãe vivem em uma plenitude, um completando a falta do outro; em um segundo momento a criança começa perceber que não é tudo para a mãe, pois a mãe falta, ela não está o tempo todo com ele e dá atenção para outras pessoas que não ele; então o pai, ou seja, a função paterna enquanto Lei, barra efetivamente bebê e mãe e a partir daí o desejo surge e move cada um a buscar a realização dele em outros objetos.

É por meio da entrada de um significante que barre a plenitude do bebê na alienação, o significante Nome-do-Pai, que o sujeito advém. É esse significante que divide o sujeito e o Eu, ou seja, os sistemas pré-consciente/consciente e inconsciente, possibilitando que uma falta se funde e pela qual o desejo advenha. A partir da separação ou castração, o sujeito passa a desejar por si mesmo e não mais pelo outro.

Segundo Lacan o que causa o desejo no sujeito é o chamado *objeto a* que cai pela entrada do significante Nome-do-Pai, deixando um vazio sem representação para o sujeito. O desejo advém então desse vazio e coloca o sujeito em movimento, pois move o ser em busca de algo que o traria novamente a completude que, no entanto, nunca existiu e nunca existirá, pois, a falta é uma condição humana.

Assim, o Nome-do-Pai é uma Lei que faz com que ocorra o recalque do desejo de satisfação plena, ou seja, barra a pulsão e assim insere o sujeito na cultura. Pode-se perceber aqui que a inserção na cultura traz um duplo aspecto, por um lado o recalque é o que possibilita viver

em sociedade, por outro lado, o verdadeiro sujeito tem que ser “apagado”, que é o sujeito do desejo, aquilo que o ser humano realmente é e que é o sujeito a quem a psicanálise se dedica a compreender.

Pensando-se nos três registros do aparelho psíquico, I, S, e R, que foram sinalizados no decorrer deste trabalho, é a inserção da Lei que faz com que tais registros sejam “amarrados” pelo sintoma, que é uma saída para a realização do desejo recalcado, e dotar o mundo de sentido e de consistência, o que se observa na estrutura Neurótica.

Nas estruturas psicótica e perversa o processo de significação da Lei é diferenciado, no entanto, dentro da psicanálise, não são vistas como formas patológicas de se constituir, mas sim, como maneiras diferentes que o sujeito tem para posicionar seu desejo diante da castração do Outro, ou seja, da sua própria falta, e se relacionar com o mundo.

Apesar deste artigo abordar a forma como se dá a constituição do sujeito, ele está longe de demonstrar tal constituição em sua profundidade. Cada processo aqui descrito tem por trás vários outros aspectos os quais não foram descritos devido a inviabilidade de tempo para tal, ficando em aberto o estudo mais aprofundado de cada um podendo-se concluir com isso que a constituição do sujeito para a psicanálise não é de forma alguma simplista.

Por fim, outro aspecto que é de extrema relevância a ser esclarecido, e que explicita ainda mais a maneira não simplista que a psicanálise trata a constituição do sujeito, é a observação que os processos que envolvem tal constituição não ocorrem de maneira separada como se fossem etapas do desenvolvimento, mas sim, elas ocorrem ao mesmo tempo e por toda a vida do sujeito, se reeditando nas experiências do mesmo na relação com o Outro e os outros e com o mundo.

REFERÊNCIAS

- CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. 240 p.
- COSTA, T. **Édipo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 89 p.
- DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991. 124 p.

ELIA, L. **O conceito de sujeito**. 3. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2010. 80 p.

FERRAZ, F. C. **Perversão**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2010. 146 p.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica (1895). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 1. p. 339-410.

_____. Sobre o narcisismo: uma introdução (1914). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 75-108.

_____. Os instintos e suas vicissitudes (1915). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14, p. 115-144.

_____. Pulsões e destinos da pulsão (1915b). In: _____. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 133-162.

_____. O ego e o id (1923). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19, p. 13-82.

_____. Neurose e psicose (1924/1923). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 19, p. 195-201.

_____. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 19, p. 195-201.

_____. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924b). In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, v. 19, p. 165-173.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o inconsciente**. 24. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009. 236 p.

JORGE, A. C.; FERREIRA, N. P. **Lacan, o grande freudiano**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005. 88 p.

LACAN, J. A tópica do imaginário (1954). In: _____. **O seminário: livro 1: os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: J. Zahar,

1998. p. 89-186.

_____. O sujeito e o outro (I): A alienação (1964a). In: _____. **O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998. p. 191-204.

_____. O sujeito e o outro (II): A afânise (1964b). In: _____. **O seminário: livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 205-217.

_____. O estágio do espelho como formador da função do eu: tal como nos é revelada na experiência psicanalítica (1949). In: _____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 96-103.

_____. **O seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999. 532 p.

MELLO, E. N. de. Narcisismo e desejo. In: MELLO, E. N. de. **Entre a lei e o desejo: antecedentes à abordagem lacaniana do problema da ética em "Kant com Sade"**. São Paulo: UFSCar, 2007. p. 109-130.

MURANO, D. **Para que serve a psicanálise?** 2. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006. v. 21, 68 p.

_____. **A transferência: uma viagem rumo ao continente negro**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006b. 78 p.

NASIO, J. D. O conceito de narcisismo. In: NASIO, J. D. **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997. p. 47-71.

QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2012. 84 p.

_____. A função das entrevistas preliminares. In: _____. **As 4+1 condições de análise**. 12. ed. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009. p. 13-34.

_____. **Teoria e clínica da psicose**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. 238 p.

SIRELLI, N. M. **Alienação e separação: a lógica do significante e do objeto na**

constituição do sujeito. Minas Gerais: UFSJ, 2010. 95 p.

WISNIEWSKI, L. I. O sujeito – o outro. **Revista Letras da Coisa**, Curitiba, n. 7, p. 15-22, abr.1989a.

_____. A separação. **Revista Letras da Coisa**, Curitiba, n. 7, p. 29-34, abr. 1989b.

LA CONSTITUCIÓN DEL SUJETO EN PSICOANÁLISIS

RESUMEN: Este artículo es una revisión bibliográfica con el objetivo de discutir la constitución del sujeto para el psicoanálisis, que es el sujeto del inconsciente, el sujeto barrado, constituido mediante procesos de alienación y separación. Para ello, se utilizó como base la obra de Freud, Lacan y otros autores del psicoanálisis. Se discurre primeramente sobre el proceso de alienación contemplando los conceptos de Estadio del Espejo, la relación con otro semejante, la formación del yo ideal y la formación del registro imaginario; posteriormente, abordaremos el proceso de separación, explicando sobre qué se denomina los tres tiempos de Edipo, la relación con el Otro, la formación del Superego y el registro simbólico; después se discute el campo del real y su relación con el *objeto a*; y para finalizar explanaremos la salida para las tres estructuras psíquicas posibles en psicoanálisis que son la neurosis, la psicosis o la perversión.

PALABRAS CLAVE: Alienación; Constitución del sujeto; Estructuras; Psicoanálisis; Separación.